

A CONFIGURAÇÃO DO
SUSPENSE ATRAVÉS DA
PESPECTIVA NARRATIVA EM
“O LEGADO”, DE VIRGÍNIA
WOOLF

*THE CONFIGURATION OF
SUSPENSE THROUGH THE
NARRATIVE PERSPECTIVE IN
“THE LEGACY”, BY VIRGÍNIA
WOOLF*

**Patrícia Alves Cardoso
(UEMG)¹**

RESUMO: O principal objetivo deste artigo foi verificar os procedimentos configuradores do suspense no conto “O legado”, de Virgínia Woolf. Para tanto utilizamos principalmente as denominações teóricas de Gérard Genette (1979). Concluimos

¹Professora Doutora da Universidade do Estado de Minas Gerais, campus de Ituiutaba-MG.

que a manipulação da perspectiva narrativa foi o fator de maior relevância para a construção dos sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Contos. Perspectiva narrativa. Virgínia Woolf.

ABSTRACT: The main goal of this article was to verify the procedures that configure the suspense in the short story “The legacy”, by Virginia Woolf. To this end, we have principally used Gérard Genette’s theoretical designations (1979). We have concluded that the manipulation of the narrative perspective was the factor of greater relevance in the construction of meanings.

KEYWORDS: Short stories. Narrative perspective. Virginia Woolf.

Todo enunciado possui, além de outros elementos, uma voz que narra e que tem opções de focalização sobre as personagens. O regulamento dessas informações é essencial para atingirmos alguns efeitos de sentido como, por exemplo, o suspense. Esse é o aspecto que observaremos no texto de Virgínia Woolf, “O legado”, do livro *Antologia da Literatura Mundial*. Para sustentação de nossa análise utilizaremos no estudo, principalmente, a teoria de Gérard Genette (1979), que considera existirem três tipos de narradores: heterodiegético, homodiegético e autodiegético. O primeiro possui conhecimento total dos fatos, mas pode revelá-los ou não. Os demais têm visão limitada em relação às personagens envolvidas na trama.

No conto “O legado” o narrador é heterodiegético. De acordo com Genette (1979, p.244), esse tipo de enunciador está “ausente da história que conta [...]” e conhece todos os fatos, cada pensamento e sentimento das personagens. Porém, nesse conto o sujeito da enunciação opta por sustentar a neutralidade narrativa, mantendo o leitor distante dos fatos, o que propicia o interesse deste até o desfecho da história.

O distanciamento é mantido pelo modo como o narrador desenvolve a história, restringindo o conhecimento do enunciatário em relação aos fatos. O Modo regula os graus de informação traduzida para o leitor, que pode ter acesso a mais ou menos detalhes sobre aquilo que se conta.

Segundo Carvalho (1981, p.10), fazendo alusão a Friedman, a onisciência neutra “caracteriza-se pela apresentação dos fatos de maneira impessoal e objetiva, abstendo-se o autor de emitir qualquer opinião”. Nosso objetivo, portanto, é verificar os procedimentos que contribuem para essa construção neutra do sujeito da enunciação no texto em estudo.

Observamos que o principal recurso utilizado na configuração e manutenção do suspense é a manipulação do ponto de vista pelo narrador, ou seja, a forma como o sujeito da enunciação usa as focalizações externas e internas.

Para Genette (1979, p.188), a focalização externa ocorre quando “o herói age à nossa frente sem que alguma vez sejamos admitidos dos seus pensamentos ou sentimentos” Portanto, nesse tipo de focalização o narrador onisciente opta por limitar-se apenas à descrição externa, restrita, de determinada personagem, distanciando o leitor dos fatos. Já na focalização interna “o próprio princípio desse modo narrativo implica, em todo vigor, que a personagem focal não seja nunca descrita, nem tão pouco designada do exterior [...]” (GENETTE, 1979, p.190). Sendo assim, focalização interna é quando o enunciador revela todos os pensamentos e sentimentos de determinada personagem, proporcionando ao leitor maior conhecimento dos fatos. Pela teoria de Genette há também a focalização zero, que consiste em um conhecimento narrativo que ultrapassa o saber da personagem. Esse tipo de perspectiva só pode ser utilizado pelo narrador heterodiegético. Apesar de ser este o tipo de voz narrativa em “O legado”, essa focalização não é utilizada.

Existe ainda o discurso modalizante da ordem do crer, que distancia o leitor dos fatos, pois permite divergências; nesse caso

não há afirmações e, sim, suposições sobre os eventos, o que contribui com o afastamento do enunciatário.

A rigor, observar o procedimento narrativo é o principal objetivo deste estudo, em que analisamos o procedimento em relação à voz narrativa que conta menos do que pode e, com isso, consegue regular as informações, sustentando o interesse e a expectativa do leitor até o final da história.

O texto é iniciado pela personagem Gilbert Cladon, que está com um broche que pertencera à sua esposa Ângela, recentemente falecida, para ser entregue à secretária desta, Sissy Miller.

Através de focalizações internas podemos observar que a personagem sugere que a morte de sua esposa não foi um acidente, parecendo suspeitar de que se tratou de um suicídio “Como é estranho, pensou uma vez mais Gilbert Cladon, ter deixado todas as coisas de tal modo ordenadas [...] Como se soubesse antecipadamente que ia morrer” (WOOLF, 1969, p.11). Com o uso do discurso modalizante da ordem do crer, “como se”, o enunciador dificulta o processo de refiguração da intriga pelo enunciatário, pois acentua a dúvida deste ao reforçar o desconhecimento da personagem sobre o que realmente aconteceu. Por sua característica democrática, esse tipo de discurso admite divergências, portanto, distancia o leitor dos fatos.

Continuando o discurso, a ideia de suicídio sugerida anteriormente é reforçada implicitamente através das reflexões de Gilbert ao acrescentar que sua esposa estava ótima de saúde. Ela estava bem fisicamente, não foi doença o que a matou - isso reforçaria a sugestão de suicídio. Porém, a aparição do carro, em “ao descer da calçada, em Picadilly, surgira um carro que nuns segundos a matou [...] se tivesse parado um instante e pensado no que ia fazer ainda agora continuaria viva” (CARVALHO, 1981, p.11), confirma a possibilidade do acidente. A rigor, o que podemos observar é que a dúvida da personagem é estendida ao leitor. Esse efeito é conseguido pela neutralidade narrativa, em que esse narrador

onisciente, de acordo com Carvalho (1981, p.42), “Não só descreve os fatos exteriores como também vai na mente dos personagens, abstendo-se de fazer comentários”.

O sujeito da enunciação faz uso da frequência anafórica que segundo Genette (1979, p.115), consiste em “Contar *n* vezes aquilo que se passou *n* vezes”, ao mencionar outra vez, com a focalização interna de Gilbert Cladon, o pensamento do quanto ficara intrigado com o fato de sua esposa deixar todas as suas coisas ordenadas como se soubesse o que iria acontecer: “Sim, continuou pensando, enquanto esperava, era singular que Ângela tivesse deixado tudo tão bem ordenado” (WOOLF, 1969, p.11). O narrador, através dessa focalização interna de Gilbert e da frequência, induz o leitor a suspeitar que não ocorreu um acidente e, sim, um suicídio. Contudo, é necessário reforçar que o sujeito da enunciação apenas insinua, não afirma nada. Afinal, as reflexões são de Gilbert e não do narrador.

Enquanto Gilbert aguardava Sissy Miller, observava que sua esposa deixara para ele somente seu diário, que ela mantinha desde que se casaram e, naquele momento do enunciado, estava em cima da escrivaninha. Gilbert relembra que ela sempre fechava o caderno quando ele se aproximava, o que sugere para o leitor que havia um segredo. Essa ideia é fortalecida posteriormente quando Gilbert demonstra acreditar que o casamento deles era perfeito, já que afirma que as poucas brigas ocorridas foram em razão do diário: “A única coisa que não tinha partilhado junto durante a vida” (WOOLF, 1969, p.12). É preciso ressaltar que o índice temporal instiga o leitor, afinal, Ângela havia falecido há seis semanas “[...] já haviam decorrido seis semanas [...]” (WOOLF, 1969, p.11) e o diário continuava sobre a escrivaninha. Por que durante todo esse tempo Gilbert não tocou nos quinze pequenos volumes “encadernados em couro verde”? Não se esperaria que ele tivesse pelo menos curiosidade sobre os possíveis segredos de sua esposa? Mas o narrador onisciente não explica tal comportamento, apenas o mostra se posicionando de forma distante dos fatos.

Com o uso das focalizações internas, percebemos a personalidade fútil e preconceituosa de Gilbert no momento em que elabora juízo sobre a secretária Sissy Miller, que adentra a sala: “Gilbert Cladon pensava consigo que sempre a considerara perfeitamente semelhante a todas as mulheres da sua classe [...] criaturinhas vestidas de preto carregando uma feia pasta sob o braço” (WOOLF, 1969, p.12).

O narrador como havíamos comentado é neutro na história, deixando que o leitor tenha as mesmas impressões de Gilbert, ou seja, este transfere para o enunciatário todas as suas dúvidas.

No momento em que Sissy Miller entra na sala, o narrador descreve-a como discreta, calada e de inteira confiança: “Era de natureza discreta, muito calada, podia depositar-se nela a maior confiança, podiam fazer-se-lhe as maiores confidências” (WOOLF, 1969, p.12). Essa descrição indica, nas entrelinhas, a existência de um possível segredo entre ela e sua amiga Ângela. Porém, é necessário dizermos que essa percepção só se confirma com a leitura integral do texto.

Quando Sissy Miller está conversando com Gilbert, trocando condolências, ele observa que ela não para de olhar para a escrivanhinha: “E fixou o olhar sobre a escrivanhinha por detrás dele [...]” (WOOLF, 1969, p.12). Gilbert acredita que ela olha para o objeto porque se lembra com saudades dos momentos em que trabalhava junto com sua esposa: “Era ali que ambas tinham trabalhado – Ângela e ela [...] sem dúvida que Miss Miller estava pensando na mesma coisa” (WOOLF, 1969, p.12). Portanto, quem fornece o significado para o olhar da secretária é Gilbert e não o narrador, que tudo sabe. E o leitor nem percebe as intenções implícitas de tal focalização, até porque a personagem dá certeza à sua leitura “sem dúvida”. Mas, com a leitura integral e mais atenta do texto, vemos que o sujeito da enunciação através de uma paralipse (focalização parcial) quer na verdade mostrar que Sissy olhava para o diário e não para a escrivanhinha. Entretanto, é necessário ressaltar

que tal visão pelo enunciatário não é prevista em uma primeira leitura.

Percebemos aí a existência de duas histórias, uma contada por Gilbert, que tem conhecimento limitado sobre os fatos e vai descobrindo os acontecimentos ao mesmo tempo que o leitor; e a história contada pelo narrador, que é onisciente e opta pela neutralidade, deixando o enunciatário no nível de conhecimento de Gilbert, acompanhando suas curiosidades e dúvidas sobre os eventos até o desfecho da história.

Ao recordar-se de que Miss Miller estava de luto pelo irmão que morrera, Gilbert lembrou-se que Ângela ficara muito abalada, porém justifica o comportamento da esposa: “Ângela, com sua grande capacidade de simpatizar, ficara terrivelmente impressionada” (WOOLF, 1969, p.13). Como vemos, a personagem considera sua esposa frágil e sensível. E por causa da frequência com que menciona isso, o leitor acaba acreditando nessa fragilidade e sensibilidade de Ângela, não percebendo a história que se conta, nas entrelinhas. Ou seja, com uma leitura completa, o leitor saberá que a atitude de Ângela justifica-se por tratar-se do homem que ela amava. Porém, é preciso ressaltar que naquele momento do enunciado, em uma primeira leitura, não é possível tal interpretação. Isso acontece devido ao posicionamento neutro do narrador.

O sujeito da enunciação não faz focalizações internas de Miss Miller. Usando esse artifício, deixa o leitor mais distante dos fatos, já que este desconhece o que se passa no interior da personagem que o próprio narrador em uma de suas poucas inserções afirma ser digna de grande confiança. E, além disso, percebemos que o sujeito de enunciação fornece liberdade à mente de Gilbert que vai revelando ao leitor uma visão cheia de vácuos e certezas falsas, induzindo o leitor a seguir esse caminho.

Através de uma frequência repetitiva, o enunciador menciona novamente o olhar de Miss Miller para a escrivãzinha: “Sissy Miller fitava a mesa onde trabalhara e sobre a qual estavam ainda a máquina e o diário de Ângela [...]” (WOOLF, 1969, p.13).

Desta vez faz menção aos dois objetos que estão em cima da mesa. O enigma em torno da reincidência desse olhar é manipulado pelo narrador, porque ele mais uma vez concede a Gilbert o poder de justificar tal atitude. Este personagem acredita que ela observa, perdida em recordações, a máquina com que trabalhavam, e não o diário, levando o enunciário a ter a mesma opinião: “E, perdida nas suas recordações, não respondeu imediatamente ao oferecimento que ele lhe fazia” (WOOLF, 1969, p.13). Gilbert está confuso, e também confunde o leitor, uma vez que Miss Miller provavelmente está preocupada observando o diário, no qual está guardado o segredo de Ângela, que ela conhece. Entretanto, é necessário reforçar que esse conhecimento só se tem com a leitura completa do conto. O que prevalece até aquele momento, como já foi dito, é a visão equivocada de Gilbert. Nesse caso, Brook e Warren, analisados por Carvalho (1981, p.6), definem a atitude narrativa como uma onisciência neutra em que o sujeito da enunciação “pode assumir a atitude de apenas relatar os pensamentos, sentimentos e fatos”. Ou seja, ao deixar os eventos fluírem sob a visão interna de Gilbert, o narrador isenta-se de emitir sua opinião na maior parte do discurso, favorecendo a formação de significados.

Ao se preparar para sair, Sissy Miller para já na porta: “Como se um súbito pensamento lhe tivesse acudido à mente” (WOOLF, 1969, p.14) e diz a Gilbert que, caso lhe fosse de alguma necessidade, que não hesitasse em procurá-la, que pela memória de Ângela teria o maior gosto em ajudá-lo. A utilização mais uma vez do discurso modalizante da ordem do crer (“como”) reforça a neutralidade narrativa. Somente ao final da leitura, o leitor terá conhecimento de que Sissy Miller menciona isso porque sabe que, ao ler o diário, Gilbert iria procurá-la para esclarecimentos. Porém, ele, com seu enorme egoísmo e sua personalidade fútil e narcísea, acredita que a secretária diz isso por ser apaixonada por ele. E o leitor, nesse momento do discurso, acompanha as reflexões de Gilbert, sem conhecer a verdade sobre os fatos.

Gilbert começa a ler o diário, abrindo-o na página em que sua esposa o elogia: “Estava tão bonito [...]” (WOOLF, 1969, p.14). Continuou a leitura, com imenso prazer em ler a descrição sempre elogiosa e submissa de sua complexada esposa que se sentia “terrivelmente ignorante” (WOOLF, 1969, p.15), diante de seu genial esposo. Conforme a leitura vai transcorrendo, através das focalizações internas de Gilbert, é possível que o enunciatário perceba traços de sua personalidade como a valorização da beleza exterior de sua mulher considerada, por ele, o principal atrativo dela, achando-a totalmente dependente e incapaz: “Ângela ainda era uma criança nesse tempo [...] caligrafia pueril” (WOOLF, 1969, p.15). E, com essas observações, o enunciatário também percebe que ele usava do sentimento de inferioridade dela para sentir-se superior: “Como se isso não fosse um dos seus maiores encantos” (WOOLF, 1969, p.15).

Conforme Gilbert ia percorrendo as páginas do diário, demonstrando, sem perceber, seu egoísmo, o narrador discretamente faz observações: “E dia a dia ele se absorvia mais no seu trabalho. E ela fatalmente ia ficando mais tempo só” (WOOLF, 1969, p.15). Com isso, notamos a incapacidade de a personagem em olhar para alguém além de si mesmo: não percebia que Ângela queria ter tido filhos, o quanto se sentia insegura, inferior e só: “Depois é tão raro que passemos a sós um serão” (WOOLF, 1969, p.15). Essa informação sobre Ângela demonstra sua solidão e o quanto Gilbert era ausente.

Outro momento em que Gilbert demonstra sentimento de superioridade sobre Ângela é quando ela pede autorização a ele para trabalhar. Concedeu, porém acreditava que era besteira e disse temer que adoecesse com a nova ocupação – o que demonstra, mais uma vez, o quanto a considerava frágil.

À medida que Ângela ia ficando mais absorvida no trabalho, menos mencionava, no diário, o nome do marido o que o incomodou e o fez desinteressar-se pela leitura: “O seu próprio nome cada vez

aparecia com menos frequência. Começou a sentir-se menos interessado” (WOOLF, 1969, p.16). Vemos mais uma demonstração do quanto ele era egoísta e não se importava com as coisas da esposa, o que prendia sua atenção na leitura do diário não era a vida dela, mas, sua própria imagem, descrita na maior parte do tempo com tanto orgulho pela anulada mulher do político eminente.

Gilbert começa a ler a parte em que ela escreve sobre B.M., e ficou curioso ao ver a quantidade de vezes que ela menciona as letras. E o leitor compartilha a curiosidade da personagem.

Quem seria essa pessoa? Questiona. Até então Gilbert pensa que B.M. era uma mulher: “Alguma mulher, possivelmente, que ela tivesse encontrado em qualquer reunião” (WOOLF, 1969, p.16), depois soube tratar-se de um homem: “Então B.M. era um homem” (WOOLF, 1969, p.16).

Gilbert lê a parte em que ela relata o dia que B.M. foi à sua casa, e que apertara a mão da empregada. Ao ler esse fragmento, mostra novamente seu preconceito em oposição à simplicidade de B.M: “Esta passagem dava mais uma indicação do retrato de B.M. Não devia estar habituado ao deparar com criadas de sala” (WOOLF, 1969, p.16).

Gilbert antipatizara-se com B.M. logo no início, sob seu ponto de vista burguês preconceituoso, transmite ao leitor conclusões sobre a personalidade de B.M.: “Conhecia o gênero. Não eram tipos que lhe agradassem e não sentia a menor simpatia por B.M.” (WOOLF, 1969, p.16). Ficando ele aborrecido pela repetição das letras no diário de Ângela: “Lá estava o nome dele a aparecer: ‘Fui com B.M. à Torre de Londres’”(WOOLF, 1969, p.16). Subestima a esposa mais uma vez ao acrescentar: “Não havia dúvida de que Ângela devia ter inteligência para vê-lo tal como era” (WOOLF, 1969, p.17). A continuidade da leitura mostra o quanto B.M. e Ângela estavam próximos, e suas dúvidas aumentam, juntamente à curiosidade do leitor, que faz as mesmas perguntas: “Por que é que Ângela nunca lhe dissera coisa alguma? Não estava no seu caráter esconder o que

quer que fosse. Era o símbolo da candura” (WOOLF, 1969, p.17).

Percebemos pelos relatos de Ângela que por meio de sua proximidade com B.M. ela vai tomando consciência da vida fútil que tinha: “Quando me lembro do que me contou, quase não posso suportar a ideia de viver tão luxuosamente” (WOOLF, 1969, p.17). E Gilbert torna a subestimá-la ao pensar: “Problemas demasiadamente difíceis para a sua cabecinha e excessivamente complicados para a sua inteligência” (WOOLF, 1969, p.17).

Através das focalizações internas e externas de Gilbert, associadas à narração dos fatos ligados a B.M e Ângela, notamos que havia uma mulher frágil, submissa e inferiorizada dividindo a vida com o primeiro e uma que surgira da convivência com um homem que, pelas descrições, a tratava de igual para igual. Ou seja, B.M faz surgir uma Ângela inteligente, capaz de refletir sobre a realidade à sua volta. Para o leitor fica a surpresa, pois não se imagina que aquela pessoa que adorava gelados e se sentia ignorante diante do marido pudesse ler e discutir os livros de Karl Marx emprestados por BM.

A revelação do sentimento que a ligava a B.M, Ângela não contou com a onisciência narrativa. Mais uma vez a história é construída pela percepção de Gilbert que, preso ao emaranhado de seu próprio eu, não tem humildade para ver o que estava à sua frente: “As iniciais B.M., B.M., B.M., apareciam insistentemente. Por que é que, nem uma única vez, aparecia o nome todo. Essa maneira de escrever dava a impressão de existir uma intimidade muito contrária aos hábitos de Ângela” (WOOLF, 1969, p.17). Só neste momento do enunciado ele parece admitir a possibilidade de uma traição.

Todas as dúvidas de Gilbert são as mesmas do leitor: “Será que ela na verdade o tratava tão intimamente?” (WOOLF, 1969, p.17). Nesse ponto do discurso a possibilidade do adultério vem à tona com maior intensidade. Isso porque a probabilidade de Ângela estar tendo um caso com B.M. surge inicialmente pela própria situação anônima do nome. Por que usar duas letras para se referir a

ele? Ela estaria escondendo a identidade desse homem? Por quê? A rigor, queremos dizer que o leitor pode supor o adultério a partir dessa sugestão, porém, não tem certeza de nada devido ao distanciamento enunciativo.

Gilbert vai lendo e percebendo que a proximidade entre Ângela e B.M. intensifica-se: “B.M. apareceu inesperadamente depois do jantar em “Mansion House” (WOOLF, 1969, p.17). Gilbert tentou lembrar-se do que se passara naquela noite, porém não se lembrava de nada que se referisse à esposa: “Não pôde recordar coisa alguma, a não ser o discurso que pronunciara após o jantar” (WOOLF, 1969, p.17). O narrador mostra mais uma vez, com essa focalização interna do marido, o quanto a personagem era voltada para si, pensando apenas no que diz respeito a ele mesmo. Enquanto isso, Ângela havia passado com B.M. o serão: “Jantei sozinha com B.M.” (WOOLF, 1969, p.18). Lembremos a respeito dessa passagem, que Ângela muitas vezes sentira-se sozinha à noite e lamentava o fato de ela e o esposo não passarem juntos nenhum serão: “Depois é tão raro que passemos a sós um serão” (WOOLF, 1969, p.15) e ela agora o passava com B.M.

Gilbert ia ficando cada vez mais pasmo com o que ia lendo, considerando inexplicável que sua esposa tivesse ficado tanto tempo tão próxima de uma pessoa sem que ele percebesse: “Tudo assumia um aspecto cada vez mais inexplicável, para ele” (WOOLF, 1969, p.17). Continuou percorrendo as páginas do diário, tentando entender o que se passava: “Abriu apressadamente o último diário – que ficara inacabado com a morte de Ângela” (WOOLF, 1969, p.18). Na primeira página do último livro, novamente o nome de B.M.: “Jantei sozinha com B.M. [...]. Disse-lhe que não conseguia tomar qualquer resolução” (WOOLF, 1969, p.18) e Gilbert fica transtornado ao perceber o quanto Ângela sentia-se perturbada por B.M.: “Supliquei-lhe que me deixasse” (WOOLF, 1969, p.18).

Gilbert questiona-se: “Mas por que Ângela nunca lhe dissera coisa alguma? Como tinha sido possível que hesitasse, por um

momento que fosse?” (WOOLF, 1969, p.18). Ele continua lendo, cada vez mais ansioso para saber o que aconteceu. Leu as informações no diário: “Escrevi-lhe uma carta [...] Não responde às minhas cartas [...] cumpriu a sua ameaça” (WOOLF, 1969, p.18). Ansiando saber o que viria depois, passou as páginas, nada mais estava escrito, apenas a frase na data anterior à sua morte: “Terei coragem de fazer o que ele fez?” (WOOLF, 1969, p.18).

Então Gilbert foi compreendendo, imaginando Ângela na hora do acidente, à beira da calçada. Não aguentando mais a curiosidade, e o desejo de confirmar a verdade, lembrou-se do que Sissy Miller lhe dissera antes de sair. Pegou o telefone e ligou para ela. Quando a secretária atendeu, questionou de maneira direta: “Quem vem a ser... esse B.M.?” (WOOLF, 1969, p.18). Enquanto aguardava sua resposta, ouviu o som de um relógio do outro lado da linha: “Pôde ouvir o som do relógio barato que ela devia ter sobre a lareira” (WOOLF, 1969, p.18), mostrando reincidentemente seu perfil de burguês orgulhoso.

Sissy Miller, após um longo suspiro, murmurou: “Meu irmão” (WOOLF, 1969, p.19). Gilbert naquele instante compreendeu: “O irmão que se suicidara” (WOOLF, 1969, p.19). Pôde entender assim o que realmente aconteceu: Ângela se suicidara para encontrar B.M., o homem que amava. É nesse momento que ocorre a catarse no leitor que, como já foi dito, acompanha o desenrolar dos acontecimentos através do olhar limitado de Gilbert.

Concluimos com este estudo que o principal recurso a favor da manutenção do suspense para o leitor é a neutralidade narrativa. O procedimento essencial para propiciar o afastamento do enunciatário em relação aos fatos é o uso das focalizações internas de Gilbert que, por não ter conhecimento total dos fatos, conduz o leitor por um caminho paralelo ao da história conhecida pelo sujeito da enunciação. Ou seja, o enunciatário vai acompanhando o desfecho dos eventos através da visão limitada de Gilbert. A opção do narrador por manter o discurso por intermédio das focalizações internas dessa personagem

aumenta o enigma para o receptor do texto. Afinal, como já dissemos, Gilbert possui um conhecimento parcial dos eventos e é pelo olhar confuso dele que o leitor percebe os fatos.

Outro efeito interessante conseguido pelo narrador por meio desse procedimento em relação à perspectiva é julgar Gilbert a partir dos próprios pensamentos dele. Ou seja, não é a voz narrativa onisciente que revela os defeitos de caráter da personagem, mas ele mesmo, ao refletir sobre os acontecimentos. Porém, essa revelação atinge o leitor, mas não a personagem, que continua sendo um desconhecido de si mesmo.

O sujeito da enunciação não utiliza focalizações internas de Sissy Miller, o que também contribui para o afastamento do narrador e do leitor. Isso porque como a secretária conhecia a verdade ao optar por usar apenas focalizações externas dela, o enunciador mantém o enunciatário submisso à interpretação parcial de Gilbert.

Outro elemento colaborador para a neutralidade enunciativa é o discurso modalizante da ordem do crer. Essa maneira democrática de narrar distancia o leitor dos eventos, pois admite divergências no processo de refiguração da intriga.

Vemos, portanto, que a manipulação de todos esses recursos promove um texto altamente elaborado, capaz de sustentar o enigma em torno da situação até o final do conto, mantendo estimuladamente a expectativa do leitor.

Referências

WOOLF, V. O legado. In: ANTOLOGIA DA LITERATURA MUNDIAL. **Contos e novelas de língua estrangeira**. Volume 1. Seleção e organização de Yolanda LHULLIER dos Santos e Nádia Santos. São Paulo: Logos. 1969.

CARVALHO, A. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1979.